

TENDÊNCIAS

Governo muda estratégia de crescimento

Nova política deverá dar ênfase à exportação sem grande mexida no câmbio e sem risco para os preços

ROLF KUNTZ

Uma nova estratégia de crescimento começa a tomar forma. O governo está descobrindo o meio de controlar a inflação e expandir a economia sem pôr em risco o balanço de pagamentos. O novo estilo de política é indicado por duas decisões. O financiamento à exportação será ampliado. Para começar, pelo menos R\$ 1 bilhão serão oferecidos a nove setores industriais, entre eles o têxtil e o de autopeças, que não tinham acesso a esse tipo de crédito. A outra decisão é sair do atoleiro da reforma constitucional, para buscar soluções de impacto com projetos de lei.

O próximo passo, prevêem analistas de política econômica, deve ser uma proposta de mudança tributária: o objetivo central deve ser a redução de impostos sobre a exportação. Pode ser algo parecido com o projeto de lei preparado pelo deputado Antônio Kandir, pouco antes de assumir o Ministério do Planejamento. A hipótese é indicada tanto pelo chefe do Departamento Econômico da Confederação Nacional da Indústria (CNI), José Guilherme dos Reis, quanto por economistas de LCA Consultores, de São Paulo, responsáveis pelo boletim mensal *Síntese - Conjuntura e Cenários*.

Nesse projeto, Kandir propõe a criação de uma contribuição sobre o lucro bruto, para substituir o PIS/Pasep, a Cofins e a Contribuição sobre o Lucro Líquido. Isso permitiria, segundo ele, obter uma receita suficiente para tornar dispensável também a Contribuição Provisória sobre a Movimentação Financeira (CPMF), defendida pelo ministro da Saúde, Adib Jatene. Teria a vantagem de não incidir sobre a folha de salários e os custos trabalhistas, por ser cobrada sobre o lucro bruto, e de não ser cobrada em cascata. Uma alteração desse tipo tornaria as em-

TRÊS CENÁRIOS PARA 1996

Contas externas em bilhões de dólares;
demais dados em porcentagens

	Garantia	Macrométrica	LCA
PIB total	2,7	3,1	2,1
Indústria	2,9	2,7	2,5
Agropecuária	0,9	0,7	-2,5
Serviços	3,1	4,8	2,6
Exportação	48,5	50,8	49,5
Importação	48,4	50,1	51,5
Saldo comercial	0,1	0,7	-2,0
Tr. correntes	-16,1	-12,8	-19,0
Desemprego	6,0	6,6	-
Inflação	14,0	11,9	12,3

Fontes: Macrométrica, Garantia/Nota Macroeconômica, Síntese/Conjuntura e Cenários (LCA)



Renata Jubran/AE

Kandir: havia apontado o rumo num projeto

presas mais competitivas, sem redução da receita fiscal e sem abandono da âncora cambial. Mas a insistência do presidente da República na CPMF pode ser um obstáculo, algo que "não combina com o discurso de apoio à exportação", observa José Guilherme dos Reis.

Para efeito imediato, outras medidas têm sido anunciadas: mais em-

préstimos ao consumidor, liberação do parcelamento dos débitos com cartão de crédito, novos financiamentos para compra e para reforma de residências, além de R\$ 500 milhões para pequenas e microempresas, via Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

A curto prazo, o crédito ao consumo e os gastos públicos típicos de ano de eleição, permanecem como os principais motores da atividade. O aumento da renda agrícola também deve estar alimentando o consumo, mas o efeito ainda é pouco sensível na vendas de tratores e colheitadeiras. Em maio, as vendas de máquinas

agrícolas no mercado interno foram 5,6% maiores que as de abril, apenas 1,2% superiores às de um ano antes e 69,6% inferiores às de maio de 1994.

De modo geral, porém, o desempenho da indústria tem sido melhor que o previsto no início do ano. Projeções de crescimento estão sendo revistas para cima. Mas os cálculos mais otimistas ainda apontam, para este ano, um Produto Interno Bruto (PIB) 3% maior que o de 1995. "Estou menos baixista do que antes e volto a esperar um crescimento de uns 3%", diz o chefe do Departamento Econômico da CNI. Uma expansão de 2% era a previsão anterior. Os economistas de LCA Consultores mexeram apenas marginalmente sua projeção, de 2% para 2,1%. A principal mudança prevista deve ocorrer na produção industrial: o crescimento passa de 2% para 2,5%. Especialistas do Banco de Investimentos Garantia também reviram a estimativa de crescimento industrial: a taxa passa de 2,1% para 2,9%, mas isso pouco afeta o ritmo de expansão do PIB (de 2,6% para 2,7%). A equipe de Macrométrica manteve a previsão de 3,1% para o aumento do PIB.

Enquanto não se consolida uma nova estratégia comercial, o balanço de pagamentos permanece como área de risco. Para a conta de comércio, as previsões ficam entre um superávit de até US\$ 1 bilhão e um déficit de uns US\$ 2 bilhões. O superávit de US\$ 268 milhões em maio permitiu acumular, no ano, um magro saldo positivo de US\$ 38 milhões. Descontado o efeito sazonal, o resultado de maio ainda é um déficit, segundo os economistas de LCA Consultores. As previsões para o déficit em contas-correntes ficam entre US\$ 12,8 bilhões e US\$ 19 bilhões. As projeções só não são piores porque se espera de novo, para este ano, uma grande remessa de dinheiro de trabalhadores no Exterior, principalmente dos dekkasseguis. O valor é em geral estimado em cerca de US\$ 3,5 bilhões. Neste ano, o ingresso de capitais será mais que suficiente para cobrir mesmo um buraco de US\$ 19 bilhões. Mas o governo já se mostra disposto a não manter o País, por muito tempo, tão dependente da conta de capitais para fechar o balanço de pagamentos.

INDICADORES

		Variações (%)			
	Data	Número	Mês	Ano	12 meses
Produção					
Indústria Geral (IBGE)*	Abr		-2,47	-7,50	-4,86
- bens de capital*	Abr		-22,86	-28,09	-17,72
- bens intermediários	Abr		-2,21	-6,11	-5,06
- bens de consumo duráveis*	Abr		10,72	4,31	9,54
- bens de consumo semi e não duráveis*	Abr		4,41	-1,18	-0,27
Ind. Têxtil (IBGE)*	Abr		-11,10	-19,04	-15,96
Ind. Alimentos (IBGE)*	Abr		12,10	9,04	7,53
Util. Capac.Instalada (FIESP)***	Abr		75,5	76,3	76,8
Veículos (ANFAVEA)*	Mai		0,77	4,47	3,18
Total de Vendas Reais (FIESP) *	Abr		4,9	-2,9	1,8
Aço Bruto (IBS 1.000t)*	Jan		-5,23	-5,23	-
Consumo					
Comércio - SP (FCESP, fat. real)	Mar		-2,5	-16,7	
Comércio exterior					
Exportações (US\$ milhões)*	Mai	4.506	7,16	10,10	8,44
Importações (US\$ milhões)*	Mai	4.238	-13,42	-8,51	11,18
Saldo (US\$ milhões)*	Mai	268	-138,84	-100,83	-74,46
Reservas Liq. (US\$ bilhões-conc. de caixa)	Mai	58,058	4,74	15,08	83,36
Trabalho					
Desemprego - BR (IBGE)	Abr		6,03		
Desemprego - SP (IBGE)	Abr		7,09		
Nível de Emprego (FIESP)	Mai		-0,57		
Desemprego PEA/SP- (SEADE/DIEESE)	Abr		15,9		
Salário Real Médio (FIESP)	Abr		2,6	5,2	6,4
Insolvências					
Falências Decretadas* - SP (Unid.)	Mai	154	140,63	150,66	90,99
Concordatas Deferidas* - SP (Unid.)	Mai	29	314,29	460,00	303,17
Titulos Protestados* - SP	Mai	26832	-30,24	-19,29	-41,81
Setor Público					
Div. Int. Tit. Poder Publ.(R\$ bilhões)****	Mai	151,3	138,0	133,6	127,4
Base Monetária (R\$ bilhões)	Mai	16,272	8,47	-24,95	17,81
Meios de Pagam. M1 (R\$ bilhões)	Mai	23,087	0,36	-20,60	43,59
Result.CX do Tes. Nac. (R\$ milhões)**	Mai	671,0	1013,0	-1696,0	-770,0
ICMS (Estado de SP - em R\$ bilhões)	Mar	1,547	2,79	-16,42	-
Preços					
Gasolina	Mai		13,00	11,45	23,72
Alcool	Mai		13,06	11,39	25,71
Diesel	Mai		10,85	10,85	23,24
Energia Elétrica (SP)					
- Domicilio	Mai		0,00	12,00	32,16
- Indústria	Mai		0,00	12,00	25,78

- (*) Nas colunas "no ano" e "em 12 meses", variações calculadas com base em dados acumulados no período, sobre igual período do ano anterior.
 (**) Os dados nas colunas referem-se ao resultado de caixa nos meses de mai, abr, mar e fev e respectivamente.
 (***) Os dados referem-se aos meses de abr, mar e fev respectivamente.
 (****) Os dados referem-se aos meses de mai, abr, mar e fev respectivamente.
 (1) Os valores de base monetária e dos meios de pagamento referem-se aos saldos em final de período.

**MUDANÇA
TRIBUTÁRIA
PODE SER O
PRÓXIMO LANCE**